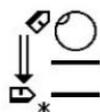
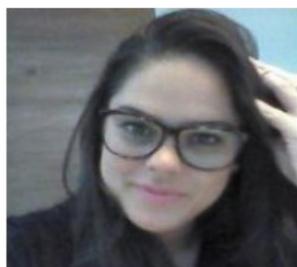


## MATERIAIS DIDÁTICOS AUTÊNTICOS PARA ENSINO DE GEOGRAFIA A SURDOS: PERSPECTIVA VISUAL E BILÍNGUE

*Authentic materials for teaching geography to the deaf: a visual and bilingual perspective*



**Bárbara Nielsen Brum Ferreira<sup>1</sup>**



**Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Fundação Municipal de Educação - FME, Niterói, RJ, Brasil. [barbarabrum@id.uff.br](mailto:barbarabrum@id.uff.br)

<sup>2</sup> Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [osilene@ines.gov.br](mailto:osilene@ines.gov.br). Autora em estágio pós-doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIFESP, sob supervisão do Prof. Dr. Orlando Vian Jr.

## RESUMO

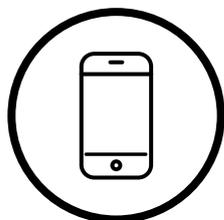
Pensando na pluralidade de um ambiente escolar e na heterogeneidade dos alunos, há que se pensar nos alunos surdos sinalizantes, pertencentes a um grupo linguístico diferenciado, que interage com seus pares de forma visual e não oralmente. Neste artigo buscamos mostrar a importância da disciplina de Geografia e da criação (e não adaptação) de materiais didáticos para alunos surdos, em uma abordagem visual e bilíngue (Língua Brasileira de Sinais - Libras e Português). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa, a partir do levantamento teórico sobre o tema Globalização e sobre o aprendiz surdo. São apresentadas as etapas para a elaboração de videoaulas em Libras e de um sinalário com termos sobre Globalização. O produto apresentado poderá suprir parte da carência de materiais bilíngues para o ensino de Geografia para aprendizes surdos, tornando possível a prática de criação de materiais bilíngues para diversos ambientes de ensino e aprendizagem.

**Palavras-chave:** Ensino para surdos; Material didático bilíngue; Geografia; Globalização; Libras e português escrito

## ABSTRACT

Considering the plurality of a school environment and the heterogeneity of students, it is necessary to consider deaf sign language students, who belong to a distinct linguistic group and interact with their peers visually rather than orally. This article seeks to show the importance of the subject of Geography and the creation (and not adaptation) of teaching materials for deaf students, in a visual and bilingual approach (Brazilian Sign Language - Libras and Portuguese). This is a bibliographic, exploratory and qualitative research, based on a theoretical survey on the theme of Globalization and the deaf learner. The steps for the creation of video classes in Libras and a sign language with terms about Globalization are presented. The presented product may fill part of the lack of bilingual materials for teaching Geography to deaf learners, making it possible to create bilingual materials for different teaching and learning environments.

**Keywords:** Teaching for the deaf; Bilingual teaching materials; Geography; Globalization; Libras e written portuguese



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O  
QR CODE AO LADO OU O LINK**  
[https://www.youtube.com/watch?v=h-y3\\_0mGjZE](https://www.youtube.com/watch?v=h-y3_0mGjZE)



## Introdução

A sociedade atual está inserida em um mundo globalizado, envolvido na era da informação, do conhecimento, da tecnologia e da inteligência artificial e se perceber dentro dele é importante para estudantes na disciplina de Geografia (Callai, 2005). Não vivemos mais o ensino tradicional de Geografia, que se baseava na memorização e na pura descrição, mas sim, no contexto de ensino em que é necessário problematizar os assuntos, estimular o pensamento crítico do aluno e provocar seu posicionamento.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 264) destacam que a Geografia “enquanto disciplina escolar deve propiciar ao aluno a leitura e a compreensão do espaço geográfico como uma construção histórico-social, fruto das relações estabelecidas entre sociedade e natureza”. Callai (2005), por sua vez, considera que essa disciplina tem como objetivo central estabelecer uma ponte entre os seres humanos e o espaço que ocupam. Ao analisar essa relação complexa, a Geografia proporciona ferramentas para entendermos as dinâmicas do mundo ao nosso redor, desde as paisagens naturais até as construções sociais.

Nesse contexto, o professor de Geografia desempenha papel crucial para estimular a

reflexão sobre a interdependência entre o ser humano e a natureza, assim como instigar, questionar e deixar o aprendiz refletir sobre o que está sendo exposto em sala de aula. É preciso elaborar estratégias que dêem significados aos conteúdos e tenham vínculos com o cotidiano dos estudantes.

Pensando na pluralidade de um ambiente escolar e na heterogeneidade dos alunos, há que se pensar nos alunos surdos, pertencentes a um grupo linguístico diferenciado, pois, na perspectiva bilíngue, a língua de sinais se constitui como sua primeira língua e o português escrito como segunda língua, conforme documentos jurídicos que amparam o cidadão surdo: a Lei nº 10.436/2002, o Decreto nº 5.26/2005 e a Lei nº 14.191/2021.

São bem-vindas propostas de ensino e aprendizagem que privilegiem o usuário da língua visuoespacial, em um ambiente bilíngue, e materiais autênticos, e não adaptados. De acordo com Kelman e Oliveira (2016), sobre materiais de Geografia para alunos surdos:

No atual contexto de inclusão escolar, em que ainda permanecem desafios para a formação educacional dos surdos, faz-se necessário que as estratégias pedagógicas pesquisadas sejam sistematizadas e divulgadas. Tal justificativa se aplica, principalmente, para o ensino de Geografia, cujas produções acadêmicas ainda não se apresentam em grande número (Kelman; Oliveira, 2016, p. 2).

Pereira e Arruda (2016, p. 105), ao fazerem um estudo sobre materiais didáticos para o ensino de Geografia para surdos, destacam a importância das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como recursos importantes no processo de ensino e aprendizagem. Brum e Cruz (2021) mostram inadequações em livros didáticos de Geografia, por não contemplarem as necessidades de alunos surdos, por exemplo, imagens e informações descontextualizadas, textos escritos longos e com vocabulário complexo, uso de tirinhas e charges sem explicações prévias para auxiliar a compreensão do aprendiz.

Sobre a relação entre conceitos e seus usos, Libâneo (1994, p. 253) propõe que “a motivação dos alunos para a aprendizagem, através de conteúdos significativos e compreensíveis para eles, assim como de métodos adequados, é fator preponderante na atitude de concentração e atenção dos alunos”. Nesse sentido, relacionar os assuntos abordados na aula de Geografia com a vida dos estudantes pode ser um facilitador no seu processo de desenvolvimento acadêmico.

Considerando-se o exposto, este artigo pretende mostrar estratégias para a produção de materiais didáticos em perspectiva bilíngue (Libras e português escrito) para a disciplina de Geografia, com destaque para a abordagem educacional bilíngue, em consonância com Quadros (2000), ao afirmar a necessidade do reconhecimento das “línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil” (Quadros, 2000, p. 54).

Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para o contexto educacional de aprendizes surdos, ao apresentar etapas e procedimentos para a elaboração de videoaulas em Libras-Português escrito e de sinalário com termos sobre Globalização. O material encontra-se disponibilizado em ambientes virtuais e pode ser acessado tanto pela instituição de ensino como por alunos. Antes de mostrar os resultados, é importante situar o leitor com relação aos principais caminhos da educação de surdos no Brasil, que segue na próxima seção.

## **1 Retrospectiva da educação de surdos no Brasil - principais lutas e conquistas**

A história da educação de surdos no Brasil denota que a maioria das conquistas desta comunidade ganhou visibilidade a partir de lutas e resistências por parte de pessoas surdas

e ouvintes, militantes e engajadas em conquistar direitos. A análise do processo histórico é importante para o entendimento sobre o que se passa atualmente, em conformidade com Strobel (2009, p. 6): “É através da investigação que nós descobrimos e obtemos as respostas de como o povo surdo vem pensando, produzindo e se relacionando ao longo do tempo”. Esse processo é importante, pois nos remete ao passado, constituído por desafios e memórias dos surdos, até a atualidade, com perspectivas futuras para o reconhecimento de sua cultura, língua e identidade.

No Brasil, a criação do Imperial Instituto de Surdos-mudos, em 1857, pelo professor surdo francês Huet, mediante aprovação de Dom Pedro II, é um marco para a educação de surdos. Atualmente, com a nomenclatura Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), é conhecido como centro nacional de referência na área da surdez e educação de surdos. A Língua Brasileira de Sinais (Libras) recebeu influência da Língua de Sinais Francesa (LSF) e se desenvolveu de acordo com as características culturais e regionais da comunidade surda brasileira (Rocha, 2008).

Fato marcante na educação de surdos foi o Congresso de Milão, realizado na Itália, em 1880. Em assembleia entre professores ouvintes, com grande influência de Graham Bell, foi proibido o uso da língua de sinais pelos surdos e a abordagem de ensino baseada na oralização foi votada como a mais adequada para a escolarização, comunicação e expressão desses alunos. O principal objetivo era que os alunos surdos aprendessem a falar, pois a língua falada era mais importante para a comunicação

Para Skliar (1997), o Congresso de Milão foi um retrocesso para a educação de surdos:

Um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior, que vai de 1880, até nossos dias, de domínio absoluto de uma única “equação” segundo a qual a educação de surdos se reduz à língua oral (Skliar, 1997, p. 109).

Durante a prevalência da filosofia oralista de ensino, a surdez era vista como patologia, sem consideração acerca das diferenças linguísticas dos sujeitos surdos. O período de opressão e sofrimento para essa comunidade causou atraso na comunicação e, consequentemente, no desenvolvimento escolar.

O oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade (Goldfeld, 2002, p. 34).

Mesmo com a imposição da abordagem oralista durante um século, os surdos prevaleciam, ainda que veladamente, com o uso da língua de sinais, até que se deu destaque, na década de 1960, a outro recurso chamado Comunicação Total, por meio do qual surdos poderiam se comunicar de diversas maneiras, ou seja, por sinais, oralização, gestos, mímicas etc. A Comunicação Total é definida por Ciccone (1996) como:

[...] uma filosofia de trabalho voltada para o atendimento e a educação de pessoas surdas. Não é tão somente, mais um método na área e seria um equívoco considerá-la inicialmente, como tal [...] É bem verdade que, em suas propostas de ação, um programa de Comunicação Total não exclui técnicas e recursos para: estimulação auditiva, adaptação de aparelho amplificador, leitura labial, oralização, leitura escrita. (Ciccone, 1996. p. 6)

A Comunicação Total permitiu ao surdo diversas formas de comunicação, incluindo a língua de sinais e contribuindo para a comunicação, porém, como filosofia educacional, não

trouxe êxito, pois o rendimento e desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita não deram bons resultados. De acordo com Sá (1999), a Comunicação Total não deu o devido valor à língua de sinais, podendo ser interpretada como disfarce do Oralismo.

Posteriormente ao Oralismo e à Comunicação Total e, diante de pesquisas, por exemplo, Stokoe (1960), que destacavam a importância da língua de sinais como um dos principais elementos de identidade das pessoas surdas, surgiu, na década de 1980, uma nova perspectiva de ensino, a abordagem baseada no bilinguismo. A educação bilíngue no Brasil defende o uso da língua de sinais como primeira língua e do português, na modalidade escrita, como segunda língua.

Lima, Ribeiro e Sampaio (2015, p. 103-104) afirmam que “A palavra bilinguismo, no contexto da educação de surdos, defende que os sujeitos surdos tenham o direito garantido de aprender e ensinar na sua primeira língua, a língua de sinais”. Trata-se de uma política relativamente recente, que se tornou mais significativa em 2002, pela Lei nº 10.436/2002, que

Reconhece a Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia (Brasil, 2002).

Amplia-se, então, a importância de formação de profissionais que saibam Libras, como previsto no Decreto nº 5.626/05, que regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e obriga a oferta da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura e de formação docente e em curso de Fonoaudiologia, estabelece critérios para a formação do professor bilíngue e do professor surdo para atuar na Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, destaca a importância do ensino de Libras e de Língua Portuguesa para surdos, entre outras providências (Brasil, 2005).

A regulamentação da profissão do Intérprete de Língua de Sinais (ILS) impactou positivamente na vida social e acadêmica dos surdos, pois “A solicitação desse profissional nas áreas educacionais foi aumentando à medida que os surdos evoluíam na conquista de seus direitos” (Belém, 2008, p. 11). Diante de uma sociedade majoritariamente ouvinte, onde poucas pessoas conhecem e usam a língua de sinais em contextos escolares, profissionais e sociais, os profissionais intérpretes ocupam um espaço para a acessibilidade e direito.

Em 2010, foi sancionada a Lei nº 12.319/2010 (Brasil, 2010), que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Essa lei foi revista e atualizada em 2023, pela Lei nº 14.704/2023, que regulamenta a profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, é uma forma de possibilitar, oficialmente, a comunicação de alunos surdos nas escolas regulares e promover sua permanência nesses contextos.

Ainda para colaborar com os direitos e conquistas da comunidade surda, no ano de 2015, a Lei nº 13.146 (Brasil, 2015), conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania.” (Brasil, 2015, Art. 1º).

Outro marco para a comunidade surda foi a Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021), que altera a Lei nº 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo a modalidade de educação bilíngue de surdos, o que, de fato, pode garantir uma educação acessível e de maior qualidade a esses alunos.

Veremos na próxima seção que a proposta bilíngue valoriza as duas línguas, respeitando as condições do indivíduo surdo.

## 2 A importância da pedagogia visual para o aprendiz surdo

A Pedagogia Visual (Campello, 2008) defende o uso cuidadoso de recursos imagéticos no processo didático-pedagógico, uma vez que contribuem para o desenvolvimento dos conteúdos aos alunos.

[...] Aspectos da visualidade na educação de Surdos, ou pedagogia surda é assim denominada, considerando-se que a mesma pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual seu maior aliado no processo de ensinar e aprender (Campello, 2008, p. 128).

É importante ressaltar que a surdez não impede o aluno de aprender e desenvolver qualquer atividade proposta; impedimentos ocorrerão se não houver comunicação eficaz e recursos de acordo com suas necessidades. Dentre as estratégias no processo de escolarização de alunos surdos, o recurso visual é de extrema importância. Mas só utilizar imagens seria o suficiente para o bom desempenho do aluno e seu desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem?

A resposta é não! Para apreensão e construção do conhecimento, é necessário explorar a visualidade, contextualizando a imagem com o seu significado, por isso, imagens com muitas informações podem dificultar esse processo, já que não se restringem a “enfeitar” o conteúdo; os excessos atrapalham e nem todas as imagens transmitem um único significado (Campello, 2008). Nesse sentido, recursos imagéticos devem ser utilizados para apoiar e contribuir como pistas na construção do conhecimento e do significado, possibilitando reflexões, articulações e percepções da imagem com o que está sendo trabalhado.

No contexto escolar, é importante que os educadores e participantes do processo de ensino-aprendizagem desse aluno estejam atentos à seleção e produção de material didático a ser utilizado com esse aprendiz, buscando sobretudo, que os textos sejam contextualizados e compreendidos, por meio de recursos visuais adequados e de pistas imagéticas que levem o aprendiz a uma leitura autônoma e eficaz (Cruz e Moraes, 2020, p. 208)

Skliar (2013, p. 28) contempla muito bem esse contexto, ao propor que “[...] a surdez é uma experiência visual [...] e isso significa que todos os mecanismos de processamento da informação, e todas as formas de compreender o universo em seu entorno, se constroem como experiência visual”. A imagem não se resume à ilustração; pelo contrário, desempenha papel fundamental no acesso ao conhecimento, por isso, a Pedagogia Visual deve ser primordial para corroborar com o uso da Libras e a construção do conhecimento, de fato. Campello destaca que:

[...] exploração de várias nuances, ricas e inexploradas, da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, procurando oferecer subsídios para melhorar e ampliar o leque dos “olhares” aos sujeitos surdos e sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético dos surdos (Campello, 2007, p. 130).

A construção imagética como estratégia de ensino por meio de comunicação visual corrobora com o proposto por Cruz e Prado (2019, p. 196) de que “é na perspectiva de perceber e pensar o mundo por meio do olho que destacamos a importância do letramento visual na educação de surdos”. É preciso considerar que “para desenvolver o letramento visual, é necessário usar imagens associadas ao uso da Libras e da língua portuguesa, assim, os surdos podem aprender muito e refletir rápido” (Machado, 2017 p. 52).

Assim como se adotam materiais didáticos adequados ao aluno ouvinte, o aluno surdo, mediante uma língua estruturada e própria, demanda de materiais e estratégias adequadas para a compreensão. A perspectiva bilíngue, nesse sentido, defende o uso de materiais autênticos, criados para surdos e não adaptados, uma vez que a palavra adaptar carrega uma carga semântica que leva a interpretar como algo que advém de outro material, conforme Carvalho e Cruz (2010, p. 101) de que “(...) é premente que os materiais didáticos sejam autênticos, adequados e voltados para esses alunos, incluindo-se estratégias de ensino bilíngues, com recursos tecnológicos e digitais (...)”.

A Pedagogia Visual, nesse sentido, deve ser considerada como uma metodologia de experiências linguísticas, culturais e sociais, de modo a (re)conhecer a especificidade identitária, linguística e cultural dos surdos e criar estratégias e materiais que facilitem o aprendizado. Dessa forma, a presente pesquisa se debruça sobre estratégias e materiais didáticos que contemplem as demandas do aluno surdo, com foco no ensino de Geografia, como exposto a seguir.

### **3 Caracterização da pesquisa**

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, exploratório e qualitativo (Gil, 2002), pois é preciso uma averiguação em materiais didáticos e estratégias utilizadas na educação de surdos para colaborar com as percepções e experiências enquanto professoras desses aprendizes. É necessário avaliar todo processo da investigação, refletindo e propondo novos métodos e estratégias mais acessíveis, considerando a necessidade de materiais didáticos bilíngues de Geografia para o ensino a surdos.

A pesquisa exploratória auxilia na familiarização e na construção de hipóteses (Gil, 1999) de um assunto ainda pouco explorado, no caso, o ensino para surdos e o ensino da Geografia. Além da carência de materiais didáticos, faltam sinais específicos para assuntos abordados na disciplina, com isso, todo processo de investigação colaborou significativamente para preparação e construção do material didático que apresentou o conceito de Globalização, trabalhado no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

#### **3.1 Etapas da pesquisa**

Neste artigo, é apresentada parte da experiência de uma das autoras, como professora de Geografia há mais de uma década, ao observar como os materiais existentes atualmente abordam o conteúdo. Essa observação levou à reorganização da temática para o ensino de forma clara e objetiva em videoaulas. Considerando as várias vertentes do conceito Globalização, a escolha do tema foi muito desafiadora. Afinal, como abordar o conteúdo em vídeos explicativos bilíngues, com objetivos claros, transmitindo o olhar geográfico mais adequado, já que se trata de um conteúdo extenso e complexo? Além disso, como explorar o tema sem a interação com os alunos surdos?

A seguir, serão apresentadas as etapas de todo o processo até a elaboração das videoaulas e do sinalário sobre Globalização.

##### **3.1.1 Busca em plataformas acadêmicas - materiais didáticos bilíngues (em Libras e Português) sobre Globalização voltada para alunos surdos**

A experiência de uma das autoras desta pesquisa, ao ter lecionado a temática sobre Globalização para alunos surdos e observado a falta de materiais sobre essa temática estimulou a pesquisa em plataformas digitais como Google e a rede social

do YouTube. Foram usadas as palavras-chave: *Geografia para surdos, Globalização em Libras, aula de Geografia para surdos, Geografia em Libras.*

### **3.1.2 Seleção dos assuntos sobre Globalização e análise de livros didáticos de Geografia**

Como instrumento de trabalho de grande parte dos professores, o livro didático colabora no processo de ensino-aprendizagem por ser um material estruturado para o conteúdo curricular e proposto para série, além de apresentar fotos e imagens que buscam possibilitar o entendimento sobre o conteúdo. Vale refletir, entretanto, sobre a funcionalidade desses materiais para o público discente surdo. Sendo assim, foram analisados 10 livros didáticos pertencentes ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em busca de um material mais apropriado para o ensino a surdos.

### **3.1.3 Elaboração do Plano de Atividades sobre Globalização para a videoaula**

O conteúdo escolhido para a aula, Globalização, é extenso e complexo para ser ministrado em sala de aula regular. O assunto é abordado em um bimestre, na maioria das vezes, precisando de vários tempos de aula, além das trocas de informações, comentários e colaborações dos alunos, dinâmica que acontece durante esse processo de aprendizado, assim como as atividades propostas, que enriquecem o diálogo e, por muitas vezes, nos faz percorrer outros caminhos.

Como a proposta desta pesquisa foi disponibilizar as aulas e o sinalário na plataforma do *YouTube*, não havendo interação entre o professor(a) e seus alunos(as) no processo de ensino-aprendizagem, como acontece em uma aula presencial, o conteúdo foi elaborado, apontando os aspectos mais importantes dentro de planos de cursos e materiais didáticos disponibilizados para a série escolhida.

O plano dividiu o conteúdo em três partes, para não causar cansaço no usuário.

- A **primeira** aborda o processo histórico do processo, a partir do período das “Grandes Navegações”, passando pelas principais transformações decorrentes das Revoluções Industriais que contribuíram para o aprofundamento da Globalização. Todos esses processos históricos foram apresentados com os principais aspectos para articular com a compreensão da Globalização atual.
- A **segunda** parte aborda o conceito de Globalização pelo olhar da Geografia, apresentando como se vivencia esse processo no cotidiano.
- A **terceira** parte aborda os aspectos positivos e negativos da Globalização.

Sendo assim, foram confeccionados três vídeos de até dez minutos com o conteúdo adequado, apontando o que é mais importante para a série a que se destina. As observações e avaliações nos livros didáticos de Geografia contribuíram para a organização dos conteúdos e informações sobre o tema.<sup>3</sup>

Como estratégia pedagógica, para melhor organizar e orientar o trabalho, foi elaborado um Plano de Atividades (P.A), com: conteúdo, objetivos, desenvolvimento, materiais e equipamentos, tempo de duração da aula e a atividade proposta (Quadro 1). Todo esse processo contribuiu para pensar os sinais trabalhados na aula e na elaboração do roteiro para gravação dos vídeos.

---

<sup>3</sup> A análise dos livros didáticos encontra-se publicada em Brum e Cruz (2023), disponível em <https://seer.ufu.br/index.php/revista-deensinodegeografia/article/view/76393>

Quadro 1. Plano de atividade

Plano de Atividade					
Tema: Globalização – dividida em três aulas			Disciplina: Geografia		
Professora: Bárbara Nielsen Brum Ferreira			Série: 9º ano		
Conteúdo	Objetivo	Desenvolvimento	Materiais e Equipamentos	Tempo de duração da aula	Atividade
1ª aula:					
2ª Aula:					
3ª Aula:					

Fonte: elaborado pelas autoras (2020)

Pensando na diferença regional e nas variações linguísticas da Língua Brasileira de Sinais, ao longo do percurso da pesquisa, foi pensada a necessidade da elaboração de sinalários<sup>4</sup> que pudessem contemplar os principais termos utilizados nas aulas. Eles passaram pelo acompanhamento e validação de uma professora surda bilíngue. Cada videoaula tem o seu sinalário, para que o aluno ou professor possa consultar, em caso de dúvidas terminológicas. Como afirma Felipe,

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (Felipe, 1990, p. 81).

Os sinalários possibilitam a complementação da aula, apresentando sinais importantes, que talvez não sejam de conhecimento de quem está assistindo à aula, por sofrer variações linguísticas e regionais.

### 3.1.4 Elaboração um roteiro para nortear a gravação

Como em qualquer gravação de vídeo, a elaboração dos roteiros (Figura 1) é fundamental para a melhor organização das cenas, do tempo e do conteúdo versado. Na presente pesquisa, foi de grande ajuda, já que a pesquisadora não tinha experiência na parte tecnológica e de gravação de vídeos.

Figura 1. Roteiro

ROTEIRO			
Aula de Geografia:			
Aula: _____		Duração: _____	
Cena	Título	Texto para interpretação	Visual – imagens e recursos
1 - Apresentação			
2 – Introdução			
3- Introdução			
4 – Desenvolvimento			
5 – Desenvolvimento			
6 – Desenvolvimento			
8 – Atividade			
<small>Descrição da cena: Blusa preta, sem acessórios grandes, pouca maquiagem, cenário simples.                      Obs: Aula na Língua Brasileira de Sinais com legenda em Língua Portuguesa.</small>			

Fonte: elaborado pelas autoras (2020)

<sup>4</sup> Conjunto de expressões que compõem o léxico de determinada língua de sinais (Stumpf, 2005, p. 36).



O preenchimento foi feito de acordo com o Plano de Atividades, seguindo uma sequência de informações, assim como as inserções das imagens, conforme o assunto ia sendo abordado. Foi elaborado um roteiro para cada videoaula, com aproximadamente oito partes/cenas, desde a apresentação até a atividade sugerida.

### **3.1.5 Discussão e pré-validação com a professora surda dos principais sinais e conceitos utilizados na videoaula**

Após pesquisas na internet sobre os sinais que seriam utilizados no conteúdo abordado, algumas fontes foram utilizadas como referência: o Manuário do INES<sup>5</sup>, o canal do *YouTube*<sup>6</sup> e aplicativos de avatares como *Hand Talk*<sup>7</sup> e *VLIBRAS*<sup>8</sup>. Alguns sinais eram das aulas presenciais no INES e houve, também, auxílio de alguns amigos intérpretes para sanar eventuais dúvidas. Muitas vezes, encontrava sinais ainda desconhecidos. Como os termos utilizados são muito específicos, surgiram algumas dúvidas e isso se deve à falta de sinais da área da Geografia, como já propôs Arruda (2015 p. 17): “Muitos termos e expressões utilizadas nas aulas de Geografia não possuem tradução para a Libras, o que exige uma constante contextualização.”

A participação de uma pessoa surda para auxiliar e avaliar os sinais deu maior credibilidade ao produto. Após essa reflexão, foi solicitada a uma colega surda a colaboração para “pensar” a aula bilíngue sobre Globalização, usando Libras como L1 e Português escrito como L2. A professora participante tem nível superior, é usuária de Libras e compreende bem o português escrito, portanto, é bilíngue.

Após a elaboração do Plano de Atividades e dos roteiros, os materiais foram enviados para a professora, para análise das aulas propostas, dos possíveis sinais a serem utilizados e da contextualização necessária. Foi agendada uma reunião sobre o conteúdo que seria trabalhado, analisando os possíveis sinais que seriam usados, assim como a expressão facial e corporal. Além das videoaulas, foram produzidos sinalários, com os principais termos, contribuindo para o melhor entendimento de alunos ou outros usuários que não dominam a Libras e sinais utilizados na disciplina de Geografia.

Como a proposta do material era disponibilizar na plataforma do YouTube, para acesso em todo o Brasil, a importância de um sinalário foi ainda maior, considerando o regionalismo e a variação linguística (Quadros e Karnopp, 2010). Muitos sinais são diferentes em outros estados e o material pode auxiliar na compreensão de sinais desconhecidos ou distintos em outras regiões. Essa proposta foi aprovada pela professora.

A importância da validação do material por uma profissional surda é grande, já que foi elaborado por uma professora ouvinte e usuária da língua de sinais, explicando um conteúdo de Geografia na Língua Brasileira de Sinais. Nesse sentido, coube à professora surda analisar os sinais selecionados e pensar na contextualização dos termos que não possuíam sinais específicos, utilizados e reconhecidos pela comunidade surda (Figura 2).

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.manuario.com.br/>. Acesso em 24 abr 2020.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/>. Acesso em 24 abr 2020.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.handtalk.me/br/>. Acesso em 24 abril 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/governodigital/pt-br/vlibras>. Acesso em 26 abril 2020.

Figura 2. Principais palavras usadas nos sinalários.

SINALÁRIO DE GEOGRAFIA			
<p><b>Aula 1:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Artesanato</li> <li>• Biotecnologia</li> <li>• Carvão Mineral (sem sinal)</li> <li>• Capitalismo</li> <li>• Charlie Chaplin (ator)</li> <li>• Eletricidade</li> <li>• Especiarias/ temperos</li> <li>• Europa</li> <li>• Explorar</li> <li>• Geografia</li> <li>• Globalização</li> <li>• Grandes Navegações</li> <li>• Indústria</li> <li>• Inglaterra</li> <li>• Linha de montagem</li> <li>• Máquina a vapor</li> <li>• Matérias-primas</li> <li>• Mercado consumidor</li> <li>• Metáforas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Metais preciosos</li> <li>• Petróleo</li> <li>• Produção manual</li> <li>• Revolução Industrial (1º, 2º e 3º)</li> <li>• Século</li> <li>• Técnico-científico-informacional</li> <li>• Tecnologia</li> </ul>	<p><b>Aula 2:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adidas</li> <li>• Cidade Global</li> <li>• Coca-Cola</li> <li>• Desigualdade</li> <li>• Fragmentação da produção</li> <li>• Guerra Mundial</li> <li>• Hábitos</li> <li>• Incentivos fiscais</li> <li>• Integração</li> <li>• Mão de obra</li> <li>• Mc Donald's</li> <li>• Nike</li> <li>• Rússia</li> <li>• Satélites</li> <li>• Tecnopólos</li> <li>• Transnacionais</li> </ul>	<p><b>Aula 3:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aquecimento global</li> <li>• Consciência ambiental</li> <li>• Comunicação</li> <li>• Cultura</li> <li>• Desigualdade social</li> <li>• EUA</li> <li>• Exclusão tecnológica</li> <li>• Extinção</li> <li>• Fábula</li> <li>• Fronteiras</li> <li>• Lixo</li> <li>• Lucros</li> <li>• Mercado Financeiro</li> <li>• Perversidade</li> <li>• Pobre</li> </ul>

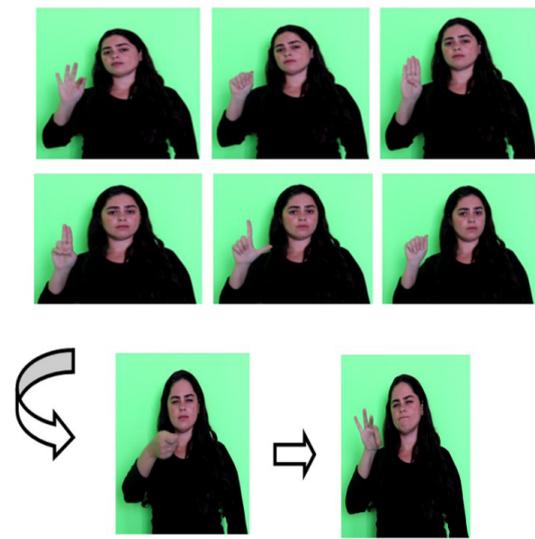
Fonte: arquivo pessoal das autoras (2020)

Encontramos nesse caminho uma importante interação e trocas, já que as videoaulas e o sinalário foram elaborados com foco nos aprendizes surdos. A professora fez sugestões e contribuições para tornar a aula mais dinâmica e natural, sugeriu que os sinalários fossem gravados primeiro, porque era necessário escolher primeiro os sinais que seriam utilizados nas aulas.

### 3.1.6 Produção dos sinalários bilíngues: principais sinais e conceitos

Após o processo de validação com a professora surda, foi montado um estúdio em casa, adquirido um programa de edição de vídeo, o Movavi Editor Plus<sup>9</sup> e iniciaram-se as gravações. O sinalário foi elaborado com a apresentação da datilologia, em seguida do sinal de “sinal” e da apresentação do sinal (Figura 3).

Figura 3. Datilologia da palavra fábula e sinal



Fonte: arquivo pessoal (2021)

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.movavi.com>. Acesso em jan 2021

O exemplo demonstrado é referente ao sinal da palavra “Fábula”, escrito na Língua Portuguesa com acento agudo no ‘fá’. A datilologia não é exigida pela comunidade surda. Em um primeiro momento, foram sinalizadas todas as palavras que usam acentos em datilologia, mas a consulta a pessoas surdas com experiência acadêmica apontou que não havia necessidade e que os próprios surdos preferiam a datilologia sem o uso do acento.

Figura 4. Registro de gravação dos sinalários



Fonte: arquivo pessoal (2021)

Todo procedimento para gravação foi pensado também na importância da valorização do acompanhamento de um professor surdo, compreendendo que o olhar da profissional surda seria essencial para maior legitimidade e qualidade do material produzido por uma pessoa ouvinte.

### 3.1.7 Produção da videoaula em Libras com legenda em Língua Portuguesa sobre Globalização

A proposta de uma videoaula bilíngue, disponível na *internet*, pode ser a possibilidade de muitos alunos terem acesso ao conteúdo em sua L1. Esse material transmitido em Libras (L1) e Língua Portuguesa na forma escrita (L2) também conta com recursos imagéticos, são imprescindíveis no ensino para surdos, como afirmam Nery e Batista

(...) o processo de ensino do aluno surdo se beneficia do uso das imagens visuais e que os educadores devem compreender mais sobre seu poder construtivo para utilizá-las adequadamente; a formação de conceitos seria facilitada utilizando representações visuais, e a sua adoção, nas atividades educacionais, auxiliaria no processo de desenvolvimento do pensamento conceitual, porque a imagem permeia os campos do saber, traz uma estrutura e potencial que podem ser aproveitados para transmitir conhecimento e desenvolver o raciocínio (Nery; Batista, 2004, p. 290).

A tecnologia colaborou para a produção desse material didático (Stumpf, 2010), pelo computador e pelo uso de aplicativos de edições mais simples e acessíveis para criação de vídeos em língua de sinais, com possibilidade de inserção de imagens e legenda, promovendo, assim, a explicação em linguagem visual.

Após a confecção dos roteiros e de um estúdio adaptado, foram gravados os sinalários e as videoaulas (Figura 5). A edição dos vídeos foi feita no programa Movavi Video Editor Plus 2021, adquirido pela pesquisadora.

Figura 5. Registros de gravação das aulas e sinalários



Fonte: arquivo pessoal (2021)

As imagens utilizadas no produto foram retiradas da internet com a licença de imagens livres para uso, como no *Google/imagens/ferramentas/direitos de uso/ Licenças comerciais e outras*. Essa estratégia limitou a quantidade de imagens e qualidades, mas não deixou de atender as necessidades imagéticas dos materiais. Também foram usadas imagens do site *Pixabay*<sup>10</sup>, livres de direitos autorais.

A produção e finalização das aulas contaram com a colaboração de um intérprete de Libras, configurando, assim, os procedimentos como importantes para validação e legitimação de todo material.

Depois de pesquisar sobre os sinais utilizados, era perguntado ao intérprete o sinal mais apropriado para aquele contexto (Figuras 6 e 7). Sempre atencioso, além dos seus conhecimentos, ele buscava auxílio com outros profissionais da sua área. Em conjunto, pensávamos qual seria o mais apropriado.

Um interessante exemplo da importância dessa colaboração foi a sinalização da aula “linha de montagem”, sinal encontrado na internet. O profissional me sugeriu outro sinal, pois o que eu havia feito poderia indicar linha na “forma literal” para o surdo, ao contrário do contexto de linha proposta na aula, ou seja, uma esteira em uma fábrica com sua produção.

Figura 6. Primeiro sinal pensado para linha de montagem



Fonte: arquivo pessoal (2021)

<sup>10</sup> Banco de imagens gratuitas. Disponível em <https://pixabay.com/pt/>. Acesso: maio e jun. 2021.

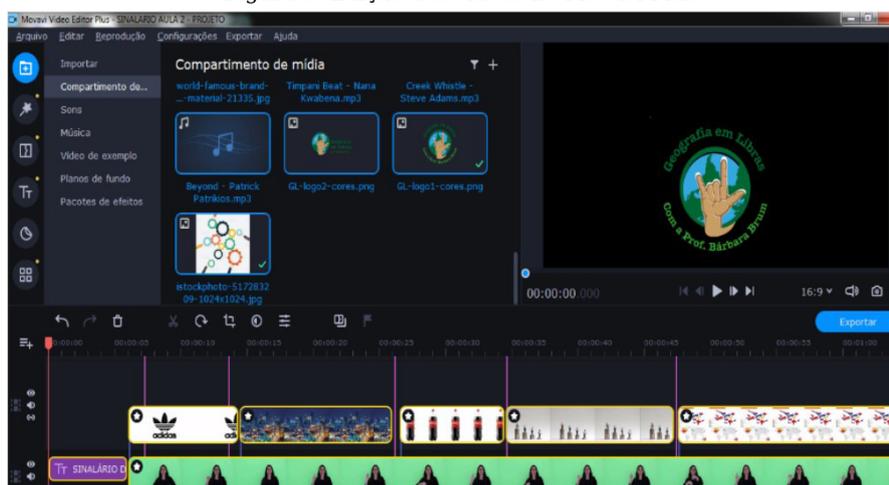
Figura 7. Sinal de linha de montagem sugerido pelo intérprete



Fonte: arquivo pessoal (2021)

Após as gravações concluídas, iniciou-se a edição dos vídeos pelo aplicativo Movavi editor (Fig. 8), programa de fácil acesso para quem não tem habilidades tecnológicas.

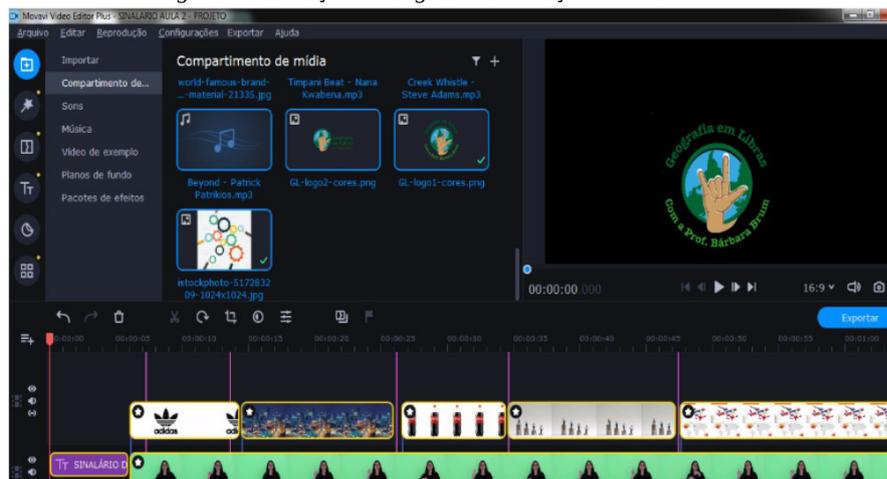
Figura 8. Edição dos vídeos no Movavi Plus



Fonte: arquivo pessoal (2021)

A legenda foi realizada no próprio aplicativo de edição, de forma manual, já que o vídeo não possui som, e sem a possibilidade de aproveitar a legenda disponibilizada pelo YouTube (Figura 9).

Figura 9. Inserção da legenda na edição dos vídeos



Fonte: arquivo pessoal (2021)

Todo critério de seleção dos sinais, imagens, legenda em Língua Portuguesa e contextualização foi muito cuidadoso, observando sempre se possuía uma propriedade significativa ao sujeito surdo para apreensão do conceito apresentado. Vale ressaltar que o procedimento de avaliação e validação dos sinais foi uma decisão com o objetivo de garantir a mínima qualidade do material na perspectiva do olhar de uma pessoa surda.

A seguir, partimos para a apresentação dos resultados, ou seja, dos links dos sinalários e das videoaulas.

#### 4. Resultados: os sinalários e as videoaulas

Foi criada uma conta na plataforma do YouTube com o nome de “Geografia em Libras” (Figura 10) para postagem de todo o produto, após avaliação e validação.

Figura 10. Canal criado para disponibilizar as videoaulas e os sinalários



Fonte: [https://www.youtube.com/channel/UCwDBoP8WT\\_H0T0l6Xz0oqtA](https://www.youtube.com/channel/UCwDBoP8WT_H0T0l6Xz0oqtA)

O material está disponível para o público em geral que tenha interesse em assistir às aulas em Libras e/ou utilizar em práticas pedagógicas nas escolas com acesso à internet ou para estudos em casa. Os materiais também estão disponíveis na plataforma Educapes<sup>11</sup>. Seguem os links do sinalário e das videoaulas.



Sinalário da primeira aula: <https://youtu.be/HcmI6DI8esk>



Sinalário da segunda aula: <https://youtu.be/D4e7sUKKELc>



Sinalário da terceira aula: <https://youtu.be/5Pm1dTOJBtc>

<sup>11</sup> Disponível em Educapes: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/971897>. Acesso em 23 março 2025



Primeira aula: <https://youtu.be/iRRiOC12FCg>



Segunda aula: <https://youtu.be/nvwJNz3hhJE>



Terceira aula: <https://youtu.be/DhADBYBjM2M>

Como já informado, os sinalários foram avaliados e validados por uma professora surda bilíngue e as videoaulas foram avaliadas por professores de Geografia do INES, centro de referência na educação de surdos, tornando o material com a qualidade necessária para ser disponibilizado na plataforma do YouTube e no Educapes ou em outras plataformas que possam divulgar materiais bilíngues, além de poder ser acessado e visto por qualquer pessoa surda ou ouvinte interessada pelo tema.

A aula em vídeo colabora com a ampliação de materiais visuais sobre a temática na *internet*. Apesar de ser destinado a aprendizes do 8º e/ou 9º ano do Ensino Fundamental, poderá ser utilizado por pessoas surdas usuárias da Libras, independentemente do nível escolar.

Dadas as considerações e o cumprimento dos objetivos, na próxima seção, estão apresentadas as considerações finais desta pesquisa.

## Considerações finais

Diante da limitada existência de materiais didáticos de Geografia para alunos surdos (Arruda, 2015), considerou-se pertinente insistir na busca por discussões mais recentes e deparou-se com artigos que falavam justamente dessa lacuna de materiais em todas as áreas de disciplinas escolares.

O conceito da Globalização está relacionado diretamente com aumento e disseminação da tecnologia e à vida atual dos alunos surdos que utilizam os meios tecnológicos de comunicação e interação social (Lacerda, 1997; Stumpf, 2010). As possibilidades de se ter um celular com internet, por exemplo, aumentaram e, com isso, novas e melhores formas de comunicação foram ampliadas. Stumpf (2010) já pensava a educação de surdos com o uso de novas tecnologias, quando destacou o uso de computadores e de acesso à internet como uma possibilidade para interação, sendo ainda mais fundamental para usuários surdos.

Segundo Vygotsky (2001), a linguagem é o meio capaz de proporcionar a interação entre os sujeitos, apresentando, assim, uma importante função social, intelectual e emocional. Nesse sentido, a educação de surdos merece atenção, pois a Geografia apresenta poucos sinais com significativa abrangência conceitual para assuntos específicos. Essa carência pode dificultar a aprendizagem dos estudantes surdos em determinados assuntos relacionados à ciência geográfica.

Um exemplo importante para esta pesquisa foi a busca pelo conteúdo sobre Globalização voltado para aprendizes surdos, em que foram encontrados diferentes sinais para a palavra. Isso ocorre pela variação linguística e regional das línguas e a Libras, como língua viva, também experimenta essas variações.

Dentro das possibilidades, espera-se que o produto apresentado neste artigo possa somar com muitos outros materiais que estão surgindo nas redes sociais, em plataformas digitais e em contextos diferenciados. A carência de materiais didáticos para educação de surdos precisa ser discutida e a urgência na produção de materiais precisa ser cumprida, pensando

na especificidade do sujeito surdo, respeitando sua língua, identidade e cultura.

O caminho é longo e são necessárias mais pesquisas e informações na área, assim como promoção de formação continuada para a comunidade escolar que têm alunos surdos incluídos em seus espaços. O material apresentado busca, de alguma forma, contribuir para que, minimamente, esses alunos encontrem materiais em Libras sobre o assunto. Vale ressaltar que não houve a pretensão de ser o melhor material didático que aborde o conteúdo Globalização, mas sim, na medida do possível, reflexão sobre propostas e estratégias para elaboração de um material didático específico para o aprendiz surdo.

## REFERÊNCIAS:

- ARRUDA, Guilherme B. **Material didático de Geografia para surdos em uma perspectiva bilíngue**. 2015, 112f. Dissertação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 05 jan. 2025.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 05 jan. 2025.
- BRASIL. **Lei N.º 12.139**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília, 2010.
- BRASIL. Lei N.º 14.191, de 3 de agosto de 2021. Regulamenta a Educação bilíngue de surdos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm)> acesso em: 05 de fev. 2025
- CALLAI, Helena C. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** Revista Terra Livre. N.º 16. São Paulo, 1º semestre de 2001. p. 133-152.
- CALLAI, Helena C. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cadernos Cedes, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.
- BRUM, Barbara Nielsen F; CRUZ, Osilene Maria S. S. **Ensino sobre Globalização em livros didáticos de Geografia: um olhar atento para o aprendiz surdo**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 136-160, 2023.
- CICCONI, Maria. **Comunicação total: introdução, estratégias a pessoa surda**. 2ªed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- KELMAN, Celeste A. **Multiculturalismo e surdez: respeito às culturas minoritárias**. In: FERNANDES, Eulalia et al (orgs). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.
- KELMAN, Celeste A; OLIVEIRA, Thabata F; LAGE, A; Et all. II Surdez em Foco. 2016. [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2018/TRABALHO\\_EV111\\_MD1\\_SA10\\_ID641\\_10042018185942.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2018/TRABALHO_EV111_MD1_SA10_ID641_10042018185942.pdf) acesso em 20 de Out 2024
- LACERDA, Cristina B F. **A criança surda: processos de aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Plexus, 1997.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 32. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- MACHADO, Nivia Carla L S B. **A História da Educação de Surdos para o Público Infantojuvenil**. Dissertação do mestrado profissional em Diversidade e Inclusão da (CMPDI) Universidade Federal Fluminense. RJ. 70 páginas, 2017.
- NERY, CA; BATISTA, CG. **Imagens visuais como recursos pedagógicos na educação de uma adolescente surda: um estudo de caso**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 14, n. 29, p. 287-296, 2 dez. 2004.
- PEREIRA, Fabio; ARRUDA Guilherme B. **Material didático no ensino de geografia para surdos**. Revista de Geografia do Colégio Pedro II, v. 3, n. 5, p. 103-110, 2017.
- PONTUSCHKA, Nidia N.; PAGANELLI, Tomoco I; CACETE, Núria, H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo:



Cortez, 2007.

QUADROS, Ronice M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice M. **O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem**. In: FINGER, Ingrid e QUADROS, Ronice M (orgs). Teorias de aquisição da linguagem. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

QUADROS, Ronice M; KARNOPP, Lodenir B. **Língua Brasileira de Sinais: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M.; PERLIN, Gladis. (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul. 2007.

QUADROS, Ronice M. **Pedagogia visual na educação de surdos-mudos**. Tese de doutorado (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SÁ, Nidia L. **Educação de surdos: a caminho do Bilinguismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

SKLIAR, Carlos. (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKILIAR, Carlos. (Org.). **Educação e exclusão: abordagem socioantropológica em Educação Especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STROBEL, Karin. **História da educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, Marianne R. **As culturas surdas**. In: LOPES, MC (Org.). Linguagem e identidade: a perspectiva surda. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 11-25.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.